

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

Iassanã Martins

DESCOBRIR-SE PROFESSOR DE TEATRO
Evocações da memória

Porto Alegre, dezembro de 2012.

Iassanã Martins

DESCOBRIR-SE PROFESSOR DE TEATRO
Evocações da memória

Trabalho de Conclusão apresentado à
Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em
Teatro do Departamento de
Arte Dramática do Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial e obrigatório para obtenção
do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos

Porto Alegre, dezembro de 2012.

Agradecimentos

Foram tantos os que me acompanharam e me incentivaram ao longo da minha passagem pela Universidade, por isso, agradeço de coração:

Aos amigos e colegas pelo carinho e afeto. Tenho certeza que aprendi muito com vocês nessa relação que só acontece olho no olho, nos abraços, nos telefonemas diários, nos momentos de fruição, de bons drinks e de boas festas, é claro!

Às queridas professoras entrevistadas, pela disponibilidade em fornecer e compartilhar suas memórias.

Aos meus professores que generosamente partilharam seus saberes e me constituem como a docente que sou hoje e que desejo continuar a ser.

Em especial à Vera Bertoni minha orientadora durante três anos, companheira de “danças e andanças”, que me levou pelas mãos aos caminhos da docência, a minha eterna admiração e carinho.

Aos meus familiares queridos, pela compreensão e pelos muitos não durante meus estudos. Principalmente aos meus sobrinhos Dudu e Duda, que me ensinam a olhar com seus olhos brilhantes e curiosos de crianças, em nossas doces tardes brincantes.

À minha mãe, agradeço pela amizade, pelo amor e entusiasmo que tu acalentas os meus sonhos. Mas agradeço principalmente por teres compreendido de imediato que o teatro é o que me motiva levantar todos os dias.

Ostras felizes não fazem pérolas. Pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. O ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor. Não é preciso que seja uma dor doída. Por vezes a dor aparece como aquela coceira que tem o nome de curiosidade.

Rubem Alves

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
O que me move.....	7
1. Encontros e desencontros com o teatro e a educação.....	9
2. Caminhos Percorridos.....	14
3. A docência em teatro: caminhos singulares.....	20
3.2. Formação acadêmica	24
3.3. Busca de referenciais.....	32
3.4. Repertório.....	35
Considerações finais.....	39
Referências.....	41

RESUMO

O trabalho tem por objetivo refletir sobre o processo de formação docente em teatro e suas relações com a trajetória acadêmica, artística e profissional, sob a perspectiva de autores da Pedagogia do Teatro e de teorias que abordam as relações entre memória, experiência e construção de conhecimento, através da análise do conteúdo de relatos de memórias evocadas por quatro professoras egressas do curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, envolvendo questões que possibilitaram refletir sobre as experiências artísticas e educacionais dos sujeitos dentro e fora do universo acadêmico, sobre os referenciais (teóricos e práticos) que norteiam as suas ações pedagógicas e sobre as suas formas de compreender o ensino e a aprendizagem na disciplina de teatro.

Palavras-chave: professor; teatro; formação; memória.

O que me move

No texto "Onde Acabará a Teoria?", Óscar Cornago problematiza a questão da autoria na escrita acadêmica, ao perguntar a quem o pesquisador se refere na sua escrita: a ele? Aos outros? Ao "eu"? Refletindo a partir das questões propostas pelo autor, penso que o trabalho de um pesquisador deve ser norteado pela estima e apreço do que lhe é pessoal.

O que me move? Para que lado se inclinam minhas curiosidades? Quais são as questões pertinentes referentes ao meu trabalho? Saindo da fase das ideias, disponho-as no papel e percebo, então, que os questionamentos que me movem no decorrer do curso de Licenciatura em Teatro, quer na condição de estudante, de Bolsista de Iniciação à Docência ou de Iniciação Científica, estiveram, via de regra, relacionados aos problemas que envolvem a formação do professor de teatro, seja nos aspectos referentes ao fomento ao seu trabalho, à sua própria formação, iniciada ou continuada, ou à carência desta.

Este Trabalho de Conclusão de curso parte das reflexões sobre as minhas próprias experiências docente e discente, mas, principalmente, pela minha participação como Bolsista de Iniciação Científica, pois este estudo é um recorte do trabalho desenvolvido na Pesquisa de Iniciação Científica - O Professor de Teatro no Rio Grande do Sul ¹, a qual estou vinculada desde o primeiro semestre de 2011, sob orientação e coordenação da professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos.

Neste estudo proponho a reflexão sobre a docência em teatro e as relações com os processos de formação acadêmica, artística e

¹ Bolsa PIBIC/Cnpq - FAPERGS.

profissional através de relatos de memórias e experiências de professores licenciados em teatro.

No primeiro capítulo apresento meu memorial, que se faz necessário para compreender os motivos que desencadearam o interesse por essa pesquisa. Parto da narrativa de experiências da minha infância, quando pela primeira vez eu desejei fazer teatro na minha vida, e chego no Trabalho de Conclusão de curso ao tentar compreender os caminhos que me levaram à docência.

No segundo capítulo descrevo a metodologia deste trabalho que teve início durante a pesquisa de Iniciação Científica, intitulado "Professores de Teatro: formação, conhecimento e ação pedagógica", pois foi a partir dele que eu pude desenvolver e dar continuidade a este trabalho, ou seja, apresento os objetivos da minha investigação, os sujeitos da pesquisa e os procedimentos metodológicos que propiciaram a coleta e análise dos dados.

No terceiro capítulo faço a análise dos dados coletados a partir da perspectiva de autores que me possibilitaram compreender as relações entre a memória, a pedagogia do teatro e a construção do conhecimento.

Por fim, nas considerações finais reflito sobre a importância de pensar a formação docente e a minha própria compreensão como futura professora a partir das indagações apresentadas no decorrer deste trabalho.

1. Encontros e desencontros com o teatro e a educação

Onde tudo começou? Quando tudo começou? Às vezes não sei se relembro ou se invento... mas se a minha história no teatro fosse contada a partir de um álbum de fotografias, o primeiro retrato seria de um momento da minha infância, aos meus cinco anos de idade, quando participei de um coral no hospital em que minha mãe trabalhava na cidade de Bento Gonçalves – lugar onde nasci e passei a infância: embora eu não soubesse ler as partituras, fingia que lia ao imitar meu irmão.

Numa apresentação de final de ano, lá estavam os primos, músicas ensaiadas, todos de camisetas brancas como o combinado, porém, ninguém havia avisado que antes da nossa apresentação haveria encenação do presépio vivo. Ao ver aquelas crianças, algumas mais velhas e outras da mesma idade entrando com aquelas roupas e acessórios que ajudavam na composição de seus personagens angelicais, eu só pensava em querer trocar de lugar com elas: não queria mais cantar. Guardo esse momento como uma fotografia que não amarela, que não se desgasta com o passar do tempo, ao contrário, cada vez que penso, invento e recrio esse como o primeiro momento em que almejei o teatro para a minha vida. É como se as cores dessa foto se fixassem cada vez mais.

No ano seguinte aprendi a ler e a escrever, e assim, a escola passou a ser um lugar de referência, tanto para o teatro como para a docência. Entretanto, a influência na escolha docente só veio a fazer sentido muitos anos depois. Sobre a importância do espaço escolar nos anos iniciais da minha formação, trago as palavras da professora e pesquisadora Susana Rangel Vieira da Cunha (2001, p.10):

As instituições de educação infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagrador para o desenvolvimento das diferentes linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo através dos cinco sentidos (visão tato, olfato, audição gustação) do movimento, da curiosidade em relação ao que está a sua volta, da repetição, da imitação, das brincadeiras e do jogo simbólico. No que diz respeito às linguagens expressivas, estes são os fatores fundamentais para que elas se desenvolvam plenamente.

Sob essa perspectiva, acredito que minhas primeiras professoras me propiciaram esse espaço inicial e foram importantes facilitadoras das minhas primeiras leituras de mundo.

No colégio havia muitas apresentações – alusivas ao dia dos pais, das mães, das crianças – e eu estava sempre metida na primeira fila, queria participar de tudo.

Outra influência marcante na minha trajetória foi o trabalho desenvolvido pela escritora Gomercinda Passari Parizoto – mais conhecida como Gúgui. Dedicada a escrever histórias para o público infantil e infantojuvenil, a autora produziu diversas peças de teatro e desenvolveu um trabalho junto às escolas, com o intuito de envolver e despertar nos alunos o interesse e gosto pela leitura ao encenar seus personagens. Influenciada pela escritora – que se fazia presente ano após ano na escola em que eu estudava – passei a retirar livros na biblioteca do colégio e frequentar assiduamente a biblioteca pública da cidade. Ao chegar em casa lia para a minha mãe e depois imitava e dramatizava os personagens que mais gostava.

Recordo que, quando criança, sempre que surgia a velha pergunta: o que você vai ser quando crescer? – eu respondia prontamente: – artista! Mais tarde, passei a responder convictamente: – atriz! E minha mãe, que sempre costumava apoiar as minhas escolhas, dizia? – “Que os anjos digam amém!”. E eles

disseram, ou melhor, foram dizendo a cada passo e a cada vez que eu investia no teatro.

Aos quatorze anos de idade iniciei meu primeiro curso de teatro, oferecido através de um projeto da prefeitura de Bento Gonçalves, que durou menos de um ano, pois me desinteressei, quando a professora propôs que declamásemos poesias na praça. Assim, o único acesso ao teatro continuou sendo a escola.

Apesar de não existir uma disciplina específica para as Artes, todo ano havia concursos de dança ou teatro, nos quais utilizávamos, na maioria das vezes, as aulas de Literatura e Educação Física para os ensaios.

A possibilidade de investir no teatro como profissão foi meu presente de aniversário de vinte anos. Minha mãe, a incentivadora de todos os meus desejos atendeu ao inusitado pedido. Desde então, o estudo do teatro se fez constante na minha trajetória.

Estudei durante dois anos na Escola de Atores *Tem Gente Teatrando*, na cidade de Caxias do Sul, próxima à Bento Gonçalves. Foi nessa escola que conheci à atriz e diretora Jacqueline Pinzon, primeira artista com quem tive contato, e que, por seus conhecimentos e por sua dedicação a arte do teatro, veio a tornar-se uma referência.

Em 2008 passei a residir em Porto Alegre, decidida a estudar para o vestibular. Nesse ano iniciei minhas atividades no Núcleo Constantin – Grupo de Investigação Teatral, coordenado por Jacqueline Pinzon no qual permaneci até novembro de 2010.

Em 2009 prestei o Concurso Vestibular para Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O

meu desejo sempre foi ser atriz, por isso, minha primeira opção no Vestibular seria o Bacharelado em Interpretação; porém, fui incentivada a cursar a Licenciatura, cuja formação significaria mais possibilidades de trabalho depois de formada, e, além disso, me possibilitaria atuar e dirigir concomitantemente à carreira como professora de teatro. Tais argumentos me convenceram, e embora eu nunca tivesse desejado ser professora, acabei optando pela Licenciatura.

Foi no quinto semestre do Curso, mais precisamente no decorrer das atividades da disciplina de *Metodologia do Ensino do Teatro*, que descobri minha paixão pela docência, e ao realizar um “memorial” solicitado pela disciplina, no qual os alunos eram desafiados a contar suas experiências relacionadas ao teatro e à educação, percebi que a minha trajetória na licenciatura não acontecera apenas na Universidade, e que muito dos meus caminhos, pensamentos e reflexões me levaram à docência.

Desde o início da minha trajetória como graduanda busquei me inserir na prática docente: num primeiro momento, em 2009, como Bolsista de extensão universitária do Projeto *Conexões de Saberes: Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares 2009 e Território Escola Aberta 2009*; a partir de 2010 como bolsista do Programa Institucional de Incentivo a Iniciação à Docência – PIBID, que me propiciou experiências motivadoras do meu interesse pela pesquisa aliada à docência; e, desde 2011, na condição de Bolsista de Iniciação Científica, com o Projeto de pesquisa individual intitulado *Professores de teatro: formação conhecimento e ação pedagógica*, vinculado ao Projeto de Pesquisa *Docência em Teatro no Rio Grande do Sul*, orientado pela professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, que desde o meu segundo ano na Universidade, tem apaixonadamente

me acompanhado e me incentivado pelos caminhos da docência, com muito afeto e cafezinhos.

Rever esse álbum de imagens e de lembranças que se fazem e desfazem em minha memória tem sido uma maneira prazerosa de reconhecer antigos caminhos e movimentos que reverberam no interesse em realizar esse Trabalho de Conclusão de Curso – que provavelmente é apenas mais um porto das tantas viagens que ainda virão.

As palavras de Lecoq (1997, p.237) ilustram o meu sentimento diante das profundas modificações no decorrer dos meus encontros e desencontros com o teatro e a educação.

Tudo se move.
Tudo evolui, progride.
Tudo ricocheteia e reverbera.
De um ponto a outro, nada de linha reta.
De um porto a um porto, uma viagem.
Tudo se move, também eu!
A alegria e a tristeza, e também o embate.
Um ponto indeciso, desfocado, confuso, se desenha.
Ponto de convergências,
Tentação de um ponto fixo,
Numa calma de todas as paixões,
Ponto de apoio e ponto de chegada,
Naquilo que não tem começo, nem fim.
Nomeá-lo,
Torná-lo vivo,
Dar-lhe autoridade
Para compreender melhor aquilo que se move,
Para compreender melhor o Movimento.

2. Caminhos Percorridos

Sensações como método

Tens outros instrumentos – as tuas sensações.
E dela sai tudo.
Elas são o teu mapa. No entanto,
há infinitas possibilidades de escalas;
e confirma antes de correres se o mapa
é mesmo do local onde te encontras perdido.
Gonçalo M. Tavares

O meu interesse pelos assuntos relacionados à memória teve início na disciplina de *Metodologia do Ensino de Teatro*, ao descobrir fatos importantes na minha trajetória, que até então se passavam despercebidos, e principalmente ao ouvir as histórias narradas pelos colegas. Conhecer diferentes caminhos e ver como cada um havia escolhido a docência em teatro me encantava.

“E, talvez nessa história em que um homem se narra a si mesmo, nessa história que talvez não seja senão a repetição de outras histórias, possamos adivinhar algo daquilo que somos” (LARROSA, 1999, p.22). Seduzida pelos assuntos relacionados à memória, ainda havia outro lado que me assustava, pois, ao refletir sobre a minha trajetória no teatro, me descobri completamente envolvida na licenciatura, o que foi bastante difícil, pois, até então eu não me imaginava noutra profissão que não fosse a de artista de teatro, ou seja: nem cogitava a possibilidade de atuar como professora em uma escola de ensino formal.

Entretanto, naquele momento compreendi que não somos mordidos apenas pelo “bicho do teatro”, como se costuma dizer daqueles que se entregam à arte teatral, e que o bicho da

licenciatura também pode morder. E mordeu tão forte que eu comecei a questionar aspectos relacionados ao professor de teatro, principalmente sobre sua formação acadêmica.

A partir dessas inquietações surgiu o desejo de investigar características relacionadas à constituição do professor de teatro no seu processo de formação e de saber de que maneira o curso de Licenciatura em Teatro tem colaborado na formação desses profissionais.

Na obra “Teoria e Experiência do Teatro”, Lehmann refere-se à apropriação da teoria, ao ponderar que “Brecht estava convicto de que [...] questões teóricas fundamentais só são entendidas se forem interpretadas com o corpo” (2010, p. 17). Por considerar essa hipótese, busquei constantemente me aproximar do que me parecia pertinente, do que me instigava. Convidada pela professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, em 2011, passei a atuar como Bolsista de Iniciação Científica, num projeto cujo objeto de estudo era a formação e as ações pedagógicas dos professores de teatro no Rio Grande do Sul.

“O que a pessoa tem a ver com o trabalho que faz?” (CORNAGO, 2010, p. 233). Acredito que muito, por isso, este trabalho é uma decorrência da pesquisa de Iniciação Científica que venho desenvolvendo, cuja metodologia se compreende em cinco etapas.

A primeira etapa da pesquisa foi a caracterização do “marco inicial” da inserção do ensino de teatro no currículo escolar no estado do Rio Grande do Sul, a partir do “resgate histórico” do trabalho desenvolvido pela professora Olga Reverbel no Instituto de Educação General Flores da Cunha – escola da Rede Pública Estadual – onde realizei a pesquisa junto aos bolsistas do *Programa de Bolsas de Incentivo à Docência – PIBID*. “O PIBID constitui uma iniciativa de

estímulo à docência em âmbito nacional que integra o Ensino Superior e a Educação Básica através da interação entre estudantes e docentes de cursos de licenciatura e a realidade das Instituições de Ensino da Rede Pública” (SANTOS, 2012, p.9)

Numa busca nos arquivos da escola, a equipe de bolsistas encontrou apenas uma pasta com pouco material sobre o trabalho de Reverbel, na qual constavam relatórios e dados sobre o seu trabalho pedagógico. No momento seguinte os bolsistas realizaram leituras das obras² da autora e a leitura de textos que mencionam o seu trabalho.

A segunda etapa foi a seleção dos sujeitos da pesquisa através da consulta a órgãos públicos e privado da Rede Ensino de Porto Alegre. Ao entrar em contato com os responsáveis por esses órgãos, queria descobrir quem eram os professores que estavam atuando nas escolas e, conseqüentemente, averiguar quais escolas tinham no seu currículo a disciplina de teatro. Naquele momento me deparei com um grande obstáculo: os órgãos de ensino público não dispunham de uma relação de quem são esses professores e nem de quais escolas contemplam a disciplina de teatro no seu currículo. Quanto à resposta da Rede Privada de Ensino foi de que eles não poderiam fornecer esse tipo de informação. Não podendo contar com a colaboração das Redes de Ensino Públicas e Privada, resolvi fechar o foco, e o campo da pesquisa, mudando de estratégia na obtenção de dados, por meio do levantamento dos egressos em Licenciatura em Teatro pelo Departamento de Arte Dramática da UFRGS, graduados entre 1990 a 2011.

Esses dados foram coletados nas atas de formaturas, que foram disponibilizados na secretaria do Instituto de Artes da UFRGS.

² As obras consultadas na pesquisa constam nas Referências.

A partir de uma listagem de 133 nomes de Licenciados em Teatro e em Artes Cênicas com Habilitação em Educação Artística, selecionei quatro professoras³, três delas atuantes na rede de ensino da cidade de Porto Alegre e uma que no momento não leciona, mas que foi escolhida pela importância da sua trajetória, considerando que a mesma optou pela docência como profissão. A seleção dessas professoras foi feita, primeiramente em função do meu conhecimento prévio em relação ao seus trabalhos, ou por em algum momento ter ouvido comentários abonadores sobre suas atividades profissionais e ter me identificado com elas.

O quarto momento foi a coleta de dados a partir de entrevistas semi-estruturadas, sendo que, as professoras prontamente se disponibilizaram a conceder as entrevistas. Considerando a disponibilidade, propus que as entrevistadas escolhessem o local da entrevista com a intenção de facilitar a sua locomoção.

As entrevistas foram gravadas em vídeo como forma de auxiliar o trabalho de transcrição. As entrevistas foram realizadas individualmente a partir de uma conversa informal.

Segundo Bourdieu (1999), quando se quer alcançar uma narrativa espontânea é interessante fazer com que o pesquisado relembre parte da sua vida, ao invés de fazer uma pergunta direta. O quarto momento foi a coleta de dados a partir de entrevistas semi-estruturadas, sendo que, as professoras prontamente se disponibilizaram a conceder as entrevistas. Considerando a disponibilidade, propus que as entrevistadas escolhessem o local da entrevista com a intenção de facilitar a sua locomoção.

³ Com o intuito de preservar a identidade das entrevistadas, seus nomes foram substituídos por: Professora A, Professora B, Professora C e Professora D.

As entrevistas foram gravadas em vídeo como forma de auxiliar o trabalho de transcrição. As entrevistas foram realizadas individualmente a partir de uma conversa informal. Cada uma das entrevistadas contou a sua trajetória no teatro e na educação de maneira singular, relacionando as experiências nesse campo a momentos específicos de suas vidas:

Desde experiências de teatro na infância, relacionados ao âmbito familiar ou escolar; até a escolha pela graduação em licenciatura em teatro; e as maneiras de como elas compreendem e se referem às suas práticas pedagógicas.

Nos depoimentos evidenciou-se uma riqueza de lembranças, de detalhes, de pausas, de olhos cheios de lágrimas, de espanto, de certezas e incertezas. O evocar da memória proporciona tudo isso, de forma que eu me senti realizada ao ouvi-las.

A partir de seus relatos, foi possível adquirir um material extremamente rico para a análise reflexiva dos depoimentos. Antes de realizar a análise, foram revistos referenciais teóricos estudados no decorrer da minha vida acadêmica, na intenção de identificar autores que dialogassem com questões da Pedagogia do Teatro e da Construção de conhecimento; aos estudos da memória e ao que se refere à Experiência.

Durante o período de coleta de dados, tive a oportunidade de apresentar o trabalho intitulado *Professor de teatro: Formação, conhecimento e ação pedagógica* no XXIV Salão de Iniciação Científica e no VII Congresso ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. Nesse sentido, considero que a experiência de apresentar parte da pesquisa foi uma oportunidade de reflexão do trabalho em andamento.

A última parte do trabalho foi o levantamento e a definição das categorias de análises, para melhor refletir sobre os conteúdos adquiridos em relação à formação docente e à construção de conhecimento na trajetória das professoras entrevistadas.

3. A docência em teatro: caminhos singulares

Profissão de fé

Sim, sim, por mais machucado e fodido que a gente possa estar, sempre é possível encontrar contemporâneos em qualquer lugar do tempo e compatriotas em qualquer lugar do mundo. E sempre que isso acontece, e enquanto isso dura, a gente tem a sorte de sentir que é algo na infinita solidão do universo: alguma coisa a mais que uma ridícula partícula de pó, alguma coisa além de um momentinho fugaz.

Eduardo Galeano

3.1 Teatro na infância

Cada homem tem uma história, ou ainda, cada homem é uma história. Cada vida se apresenta como uma linha de vida. O ensino seria um aspecto do período ascendente dessa história: assinala o crescimento mental, intrinsecamente ligado ao crescimento orgânico. Sua função é permitir uma tomada de consciência pessoal no ajustamento do indivíduo com o mundo e com os outros.

Georges Gusdorf

Observamos, nas palavras do filósofo francês (2003), que a estrutura escolar, sozinha, não se basta, pois ela é constituída por influências diversas, ou seja, que o homem se constrói a partir de suas leituras de mundo (FREIRE, 2009) advindas de diversos lugares, principalmente do âmbito familiar.

Tentando distinguir onde e quando surgiram as primeiras relações teatrais nas vidas das entrevistadas, confirmo a importância da influência familiar ainda no desenvolvimento da criança, no incentivo à atividades lúdicas (SANTOS, 2004), a partir de jogos e brincadeiras e do contato com as artes no geral, seja no universo literário, musical, cinematográfico, etc. Acredito que, quanto mais possibilidades de agir ludicamente a criança tiver, maior amplitude para o sensível terá o seu olhar e suas atitudes.

Na fala de uma das entrevistadas, ao responder sobre a gênese do teatro na sua vida, eis que ela reconhece o hábito da leitura ainda na infância, como propulsor do seu interesse pelo teatro.

Eu acho que... eu tenho certeza que no meu caso foi o meu interesse pela leitura, eu sempre gostei muito de ler desde pequenininha, eu lia enciclopédias inteiras e a parte que eu mais gostava era da Grécia – escultura, pintura – depois eu li toda as histórias do Monteiro Lobato, “Reinações de Narizinho” todas essas historias eu lia muito eu ficava toda a

tarde desde pequena [...] até a Larousse aquela eu engolia, sempre gostei muito de ler e talvez com o hábito da leitura a imaginação ficou a mil. (PROFESSORA C.)

Na concepção de Gusdorf (2003), o saber é adquirido a partir da experiência e ela completa o saber existente com outros saberes, correspondendo para cada pessoa um registro do passado a partir de suas tentativas, erros e conquistas. Por isso, esses diversos sítios não se constituem apenas como cenários de jogos de inteligência e da memória, mas compõem o indivíduo como tal.

Fora do círculo familiar, é sobretudo no espaço escolar que acontecem as primeiras relações humanas. Muito se fala da importância da escola como fomentadora e principal estimuladora das artes para as crianças. Na maioria das vezes, quando falamos em teatro, muitas pessoas se identificam e falam de alguma experiência com a prática teatral no período escolar.

No nosso país, poucas escolas tem a disciplina de teatro como parte integrante do currículo, e geralmente são os professores de literatura, língua portuguesa ou história que costumam apresentar conteúdos de teatro para as crianças e os jovens.

Não vou me deter aqui em articular profundamente esta questão, pois esse é um assunto bastante abrangente que certamente tem consistência para uma outra monografia, mas vale salientar que se os professores de outras disciplinas não assumissem esse papel de dar “aulas de teatro”, – seja da maneira que for – talvez os professores licenciados em teatro seriam mais valorizados e assumiriam o papel que é seu por direito. Por outro lado, se não fossem esses “outros” professores, provavelmente muitos de nós nunca teriam experienciado, ou sequer nos aproximado do teatro.

No depoimento a seguir é possível observar esse aspecto:

Eu comecei a fazer teatro eu acho que eu tinha uns quinze, dezesseis anos no colégio. Eu sempre fazia no colégio, achava um "baratão" eu sempre assistia achava aquilo gigantesco, maravilhoso. Ai, como era lindo! Eu me lembro até hoje de um cara que fazia um faraó e eu achava ele muito engraçado, muito legal. E só fui fazer teatro depois na quinta série porque eu tinha um professor de português que tinha a hora da arte na língua portuguesa, porque não tinha teatro na escola, então uma vez por mês nós fazíamos alguma coisa, ou declamávamos poesia, ou montava um espetáculo ou alguma coisa. E eu sempre fazia. (PROFESSORA B.)

Como se pode constatar, para muitos atores, diretores e professores de teatro, as encenações produzidas a partir de experiências oportunizadas por outras disciplinas do conhecimento constituem, muitas vezes, o marco inicial da sua relação com o teatro, e costumam inclusive despertar o interesse pela escolha do teatro como profissão.

Algo curioso que observei na leitura dos depoimentos é o fato de que, entre as entrevistadas, apenas uma confirma o seu desejo pela docência ainda na infância, as demais não se referem à licenciatura como um desejo anterior.

Uma coisa eu tinha certeza, era de que eu queria ser professora. Isso eu sempre tive certeza, desde pequena, eu tentei alfabetizar o meu irmão, mas eu não consegui, mas eu queria. A minha mãe é professora, o meu pai é professor, a minha vó... e a minha vó era professora de Educação Artística lá em Pelotas, então a licenciatura pra mim não era o que fazia eu me sentir estranha, era o próprio fazer teatral que era muito novo pra mim. (PROFESSORA D.)

Em oposição, uma delas mencionou o interesse pela carreira artística desde a infância.

Quando criança eu me imaginava bailarina. Depois eu me imaginava atriz. Assim, ganhando o "Açorianos"! Era isso o que eu queria, na cabeça pequenininha da época eu me imaginava atriz, não me imaginava professora. (PROFESSORA B.)

Independentemente dos diferentes desejos profissionais revelados já na infância, que singularmente, para as quatro entrevistadas, convergiram mais tarde no ensino de teatro, é possível evidenciar em suas narrativas de vida o quanto suas experiências formativas são permeadas por influências, pessoas e eventos significativos desde a infância até o presente momento.

3.2. Formação acadêmica

A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa.

Guimarães Rosa

Ao ouvir as professoras contarem suas trajetórias, em muitos momentos observei que elas iam e vinham no tempo. Ora se reportavam à infância, ora a algum acontecimento da fase adulta, em seguida, outra vez à infância, e assim tudo se misturava. Todas elas em algum momento, no decorrer da entrevista, demonstraram preocupação com a falta de linearidade da sua narrativa, pensando que iriam atrapalhar ou dificultar o meu trabalho. Eu respondia que não, que estavam indo muito bem, que era assim mesmo. Foi gratificante ouvi-las, pois observar essa oscilação do tempo a partir de suas memórias é bastante curioso e enriquecedor.

Sendo assim, constatei que em nenhum momento as narrativas das professoras eram lineares, com frases prontas, ao contrário, cada uma se permitiu abrir o seu "baú de histórias, de fotos, de objetos, de imagens, de pessoas, de sorrisos e de lágrimas. É dessa maneira

que eu observei esse momento das entrevistas com as professoras: como se elas estivessem comigo abrindo um báu com os seus pertences, e que eles estavam lá, todos misturados com muitos objetos que alguns nem elas sabiam que estavam lá. É nessa confusão, nessa descoberta, que acontece o que Damasceno (2004, p.3) chama de “consciência ampliada”, que fornece ao organismo um ‘eu autobiográfico’, com vivências passadas e futuras”.

Entre passado e futuro, em determinados momentos, as professoras falaram como surgiu a escolha pela formação em Licenciatura em Teatro. Para a maioria delas, a escolha pela docência estava definida desde o início da graduação. “A dialética entre a história de cada indivíduo, através de suas experiências cotidianas, e a história de uma sociedade como um todo determina o processo de formação (a psicogênese) individual.” (Becker, 2003, p.35). Embora todas tenham optado pela docência, a maneira como cada uma chegou neste caminho foi particular.

Uma das professoras optou por cursar o ensino superior, pois sentiu a necessidade de complementar seus estudos a partir de outros referenciais. Outros colegas, com os quais ela se relacionava artisticamente fora do ambiente acadêmico, já estavam cursando a graduação e lhe sugeriram que buscasse complementar sua prática como atriz.

Tinha uma galera lá do DAD que fazia... tá eu preciso saber, como é que projeta a voz o que eu faço com o meu corpo. Tinha uma guria que era do DAD, me lembro que ela dizia: - Bah, tu tem que fazer um curso, tu berra muito! [...] E daí quando eu fui fazer o DAD eu já pensei: - Vou fazer licenciatura! Porque eu já tava começando a dar aulas e oficinas [...] daí eu achei legal fazer o DAD pensando nisso, seguindo em ser professora, daí fui fazer licenciatura. (PROFESSORA A.)

Outra professora entrevistada confirma sua escolha pela docência desde a infância, ainda que sua preferência artística não fosse o teatro, mas a dança.

Desde pequena eu dançava e resolvi fazer teatro porque era o que mais se aproximava já que não tinha faculdade de dança. Eu me sentia no início um peixe fora d'água e depois olhando e avaliando a minha trajetória, eu demorei uns dois anos acho pra cair a ficha, de onde eu tava o que eu tava fazendo. Uma coisa eu tinha certeza, era que eu queria ser professora. Isso eu sempre tive certeza. (PROFESSORA D.)

Em relação à escolha profissional, uma outra entrevistada menciona a Licenciatura, por ter visto no curso uma ligação com outras pessoas do seu convívio, e por entender que a docência poderia continuar lhe proporcionando o contato, a troca com o outro e o convívio no coletivo.

(...) eu sou uma pessoa de bando. Sozinha eu não sou nada, eu tenho que andar em bando, então eu sou do bando que cantava, do bando que dançou, do bando que interpretou. Eu to sempre no bando... até hoje. Eu pensei assim, se eu for professora [...] eu posso, quem sabe, aprender e ajudar outros bandos e esses bandos talvez, aprender alguma coisa comigo... me enfiar em bandos diversos e foi por isso que eu fiz licenciatura. (PROFESSORA C.)

Verifico na sua fala o interesse em querer ensinar e aprender com o aluno e é isso que me encanta ao ler Freire (2009, p.77) quando diz que o professor não é o detentor do saber, pois ninguém "pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra", é imprescindível deixar que os saberes e as competências dos outros nos atravessem.

Dessa forma, acredito que foi o que aconteceu com uma das professoras. Identifico na trajetória docente dela muitas semelhanças com a minha, principalmente pelo motivo que a fez escolher a docência. Inicialmente ela não escolheu a licenciatura.

Quando eu passei no vestibular, eu não passei na minha primeira opção [bacharelado] eu passei na minha segunda

que era licenciatura. Daí eu pensei: Vou entrar e pá! Vou trocar no meio do caminho. (PROFESSORA B.)

Entretanto, o gosto pela docência modificou a ideia inicial, ou melhor, possibilitou à professora outros caminhos. Para Larrosa (1999, p.53) “a formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, é uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir...”. Em relação à trajetória da professora entrevistada, eu diria que em meio a descobertas na área da educação em teatro, a aluna foi instigada a continuar sua formação docente. Nesse sentido, ela identifica no decorrer do seu percurso acadêmico, um dos fatores que desmotivou a sua solicitação de transferência de curso.

Foi então que eu conheci Vera Bertoni [professora à frente da Disciplina de Metodologia do Ensino do Teatro] a culpada por eu continuar na docência. Cheia de paixão, de coisas legais, compartilhando com agente um quadro teórico que agente não tinha tido acesso ainda em relação à educação dentro do DAD [...] e com a Vera todos tinham acesso à discussão, às leituras, à voz e eu me senti vista, me senti contribuindo com alguma coisa e daí conheci o tal do Piaget com a Vera, que amei de paixão ficar pensando nessa lógica de estruturas de conhecimento que ele propõe. Daí resolvi seguir na licenciatura e fiquei, azar, nem quis fazer bacharelado depois [...] não me imaginava professora, mas dentro da Universidade vendo o trabalho da Vera, vendo os caminhos eu também me dei conta que financeiramente a licenciatura me daria muito mais caminhos e possibilidades de ter uma segurança em termos financeiros muito maiores. Eu gostava, eu curtia, via aquilo como um caminho financeiro que me daria uma vida estável. Daí eu embarquei com tudo! E gosto mesmo, adoro dar aula, tenho prazer! (PROFESSORA B.)

Evidentemente foram vários os fatores que a motivaram a permanecer no curso, entre eles a admiração pelo trabalho da professora; a questão financeira; a descoberta de referenciais teóricos; e, no decorrer do caminho, o gosto pela docência.

Quanto um professor pode ser responsável pelos caminhos e descaminhos de um aluno? Suponho que muito. Embora esse fosse um dos meus medos quando comecei a estudar os assuntos

relacionados à educação, me vi completamente pressionada e não admitia que essa deveria ser uma responsabilidade só minha. Aos poucos fui compreendendo que a responsabilidade pelo estabelecimento da relação pedagógica não é só do professor, mas é a ele que cabe a iniciativa de uma proposta dialógica. Tal compreensão foi fundamental para que no meu estágio docente, eu pudesse observar na prática, que, dependendo da minha postura como professora, a ação pedagógica reverbera de uma ou outra maneira nos alunos.

“Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor” (FREIRE, 2009, P.42). No caso da formação acadêmica, a maneira como o professor se referia à sua prática, foi desencadeadora para a entrevistada. Assim como para mim.

Quanto à questão financeira, ou seja, à garantia de estabilidade, penso que é um fator decisivo para alguns candidatos à graduação em licenciatura, no entanto não acredito que ela continue sendo uma opção se a pessoa não tiver gosto pela profissão, pelo menos não ao falar de forma tão apaixonada como a entrevistada.

Entretanto, constatei que entre a paixão e o encantamento pela docência, as incertezas em relação à escolha profissional são inúmeras. Incontáveis vezes me deparei questionando se era realmente esse caminho que eu queria seguir. Em vários momentos, me convencia de que não, não é isso que eu quero. Porque ser professora em uma escola de ensino formal, quando o ranking global de qualidade de educação mostra que o Brasil está em penúltimo lugar? Quando os teus alunos chegam indignados dizendo que gostariam de ser ouvidos e que estão sendo transformados em operários, mão-de-obra barata? Quando sabemos que a profissão

docente não é valorizada? Talvez porque na sala de aula, junto aos alunos, eu percebo que a educação ainda é possível e que ali algo se estabelece, se transforma.

Na narrativa a seguir, a professora descreve um dos momentos em que ela também se questionava sobre a escolha da carreira docente.

Durante todo o curso de licenciatura eu ficava sempre perguntando pra mim mesma "E o professor onde entra nisso? E o professor, eu sou professora? Realmente é isso? Eu sou isso, mesmo?" e quando eu fui pros estágios eu descobri que aquilo tava em mim! E era aquilo que eu queria, mesmo levando assim uns tropeções nos estágios, uns sustos digamos assim, normais porque tu te depara com turmas de todos os jeitos, desde o maternal, o EJA, enfim, todos os estágios que eu fiz, todos eles foram experiências maravilhosas, mesmo os que no inicio eu levei um susto. Então essa coisa toda, isso eu acho que veio na... olha é uma coisa de alma. (PROFESSORA C.)

Penso que os meus incômodos e minhas incertezas em relação à docência, foram motivadores para que eu realizasse essa pesquisa, e ao querer descobrir como os professores de ensino formal realizavam o seu ofício, fui descobrindo caminhos e possibilidades, e constatando que apesar das dificuldades, é possível realizar um trabalho significativo no âmbito escolar. As palavras de Tardif (2007, p.244) exemplificam o meu pensamento em relação ao meu aprendizado ao realizar as entrevistas com as professoras pesquisadas:

Seremos reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros. Diante de outro professor, seja ele da pré-escola ou da universidade, nada tenho a mostrar ou a provar – mas posso aprender com ele como realizar melhor nosso ofício em comum.

Acredito que o meu envolvimento em relação a docência em teatro, aconteceram a partir de diversas experiências, assim como das professoras entrevistadas:

As aulas de improvisação, o próprio jeito do grupo, era muito diferente da dança as pessoas são mais certinhas e tinha uma liberdade de criação que era muito novo pra mim, mas com uns dois anos de curso caiu a ficha pra mim e foi justamente num projeto que eu fiz com a Vera, que era um projeto de extensão que se chamava Espaço Mágico, era um trabalho em dois lugares da UFRGS – na creche e na brinquedoteca – nós éramos um grupo de quinze bolsistas acho e cada um trabalhava numa turma de um desses lugares, eu fui a única acho que fui pra brinquedoteca - que é aqui no campus [Campus do Vale] – pra trabalhar teatro na educação infantil. Foi muito legal porque eu tive a minha primeira experiência como docente na área de teatro. Até então eu só tinha trabalhado com dança e o jeito que eu trabalhava com dança era mostra como faz, copia e corrige quem tá errado e o teatro trazia outra perspectiva, e além disso eu me encantei muito com as crianças, com as brincadeiras, tinha um espaço verde, então eles corriam, eles viravam cambalhota, eles se penduravam nas árvores, foi muito maravilhoso pra mim esse encontro, acho que foi definidor do resto da minha trajetória profissional até aqui. (PROFESSORA D.)

Creio que é fundamental que o aluno, durante a sua formação acadêmica, procure se inserir em atividades, projetos, bolsas de Iniciação à Docência, de Iniciação Científica ou demais práticas que lhe permitam experienciar a docência, pois assim é possível que ele se pense e se veja como professor, ao aliar teoria e prática. De modo que, “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 27) podemos nos observar nessas primeiras práticas e aos poucos vamos nos descobrindo e nos redescobrimo como professores.

Um aspecto relevante nos depoimentos das entrevistadas, refere-se as possíveis contribuições e influências que a Graduação em Licenciatura em Teatro possa ter nas suas trajetórias.

Nesse sentido, trago o depoimento das quatro professoras, pois eles apresentam aspectos relevantes sobre a passagem delas na universidade.

O primeiro refere-se à formação acadêmica como algo transformador e revelador, capaz de motivar a descoberta como professora de teatro.

(...) foi lá [na universidade] que eu descobri o meu amor pela docência.(PROFESSORA C.)

Já a próxima narrativa fornecida em resposta à questão sobre as contribuições do Curso de Licenciatura em Teatro, aborda dois assuntos consideráveis. O primeiro refere-se ao fortalecimento do discurso do professor frente a situações que ele, por algum motivo, deve defender ou discursar sobre a importância do seu trabalho na escola, e o outro diz respeito ao espaço de articulação de ideias proporcionadas durante sua formação.

(...) contribuiu muito, dá respaldo pro que eu faço. Isso é fundamental, te abre espaços porque no mundo, no geral, não abria pra quem faz teatro. Ah, ela faz teatro! Não, ela fez graduação, ela fez mestrado! As pessoas são obrigadas a parar para me ouvir, porque dá respaldo. Mesmo que elas não acreditem e não tão suportando o meu *xalalá*. Eu acho que a graduação te dá respaldo e dá sim, dá caminhos para buscar coisas, dá referenciais. Pra mim foi importante. Te possibilita um lugar pra pensar, articular ideias. (PROFESSORA B.)

O próximo depoimento refere-se ao acesso aos referenciais e à busca constante que acontece ainda na universidade, além da legitimidade da titulação de um curso em Licenciatura em Teatro.

(...) se eu não fizesse licenciatura eu não poderia ser uma professora concursada. Há o maior preconceito com a licenciatura... o curso é super importante pra te dar os caminhos, se não tu não sabes pra onde tu vais, o que tu vais ler, o que tu vais estudar... claro que sim, que faltam muitas coisas, mas em quatro anos tu não vais ter tudo, vais ter os caminhos, e tu vais procurando. (PROFESSORA A.)

E na última fala identifico o quanto essa professora reflete e procura se atualizar sobre a sua área de conhecimento e como ela compreende seus trajetos e ações.

(...) no meu caso ela [a formação acadêmica] não só contribuiu como ela foi a mola propulsora de tudo o que eu inventei depois e ainda é sempre pra onde eu volto quando preciso me alimentar, reciclar, enfim, eu sigo fazendo as leituras intensas dos textos acadêmicos. (PROFESSORA D.)

Verifico nas suas falas, e na minha própria trajetória acadêmica, fatores semelhantes em relação a importância e a contribuição de um curso superior. É verdade, que em muitos momentos, a sensação de que nada faz sentido, nos ronda. E é nesses momentos de crise, de dúvidas e questionamentos que descobrimos questões que até então não tínhamos compreendido e conseguimos perceber os momentos de aprendizado e de importância da nossa formação.

3.3. Busca de referenciais

Das Ideias

Qualquer ideia que te agrada,
Por isso mesmo... é tua.

O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro em ti se achava inteiramente nua.

Mário Quintana

Nesta parte do trabalho analiso os referenciais teóricos adquiridos pelas professoras entrevistadas no decorrer da sua formação acadêmica, na intenção de compreender de que maneiras se deram as relações entre teoria e prática em suas ações docentes.

Desde o início das entrevistas, eu considerava que a questão dos referenciais deveria ser explorada, por se tratar de um assunto importante no que se refere ao oferecimento de subsídios à prática do professor. Para meu contentamento, os referenciais teóricos foram surgindo espontaneamente na fala das professoras, enquanto refletiam acerca de suas práticas pedagógicas.

Acredito que uma das principais funções da universidade é o acesso. O acesso a outros mundos, a outros tempos, a outras pessoas, ao desconhecido. Foi no curso universitário que ouvi pela primeira vez muitos nomes relacionados ao teatro e à educação. É verdade que na formação acadêmica os conhecimentos não são dados prontos, mas a curiosidade serve para isso, para buscarmos sempre além do que nos é oferecido. Já diria Rousseau que um indivíduo é curioso na mesma proporção de quanto é instruído.

A respeito do acesso possibilitado no decorrer da formação acadêmica de nível superior, uma das entrevistadas comenta:

O mundo acadêmico te ajuda, te dá referenciais. Eu não teria conhecido Eugênio Barba, não teria conhecido Peter Brook, Grotovski, Stanislávski [...] os estudos de Artaud, a performance atualmente, o pós-dramático do Leahmann [...] então isso é a academia que dá, que trás, que mostra, que possibilita palestras, seminários, intercâmbio (...) (PROFESSORA D.)

Muitos nomes de teóricos foram lembrados nos seus depoimentos, mas a maioria das entrevistadas mencionou que em suas primeiras experiências após formadas, recorreram em algum momento, aos jogos da Viola Spolin e de Augusto Boal, expressivas referências da Pedagogia do Teatro, no Brasil e no mundo. A esse respeito destacam-se os comentários das professoras A e B, especificamente.

Eu usava direto os jogos da Spolin, me ajudaram bastante, principalmente quando eu me via perdida e não sabia o que fazer. (PROFESSORA A.)

No início, a insegurança era tão grande que até eu criar o meu repertório, me agarrei firme no Boal e na Spolin. Aos poucos fui mesclando com outras referências, ou com coisas que eu inventava em casa ou na sala com os alunos. (PROFESSORA B.)

Penso, que o fato das professoras entrevistadas – e também, provavelmente a maioria dos recém formandos em Licenciatura em

Teatro – recorrerem aos jogos de Augusto Boal e Viola Spolin, como “carta na manga”, deve-se à segurança que as obras oferecem em suas abordagens. Não se referem a algo pronto, como um manual estático, mas oferecem recursos para que o professor possa utilizar, a partir de instruções e ideias que podem e devem ser transformadas na medida em que ele constrói e amplia seu repertório. Como podemos compreender nas instruções de Spolin (2003, p.18):

Os problemas de atuação neste manual são passos planejados de um sistema de ensino, que é um procedimento cumulativo que começa tão fácil e simples como dar o primeiro passo numa estrada, ou saber que um mais um são dois. Um procedimento de ‘como fazer’ tornar-se-á aparente com o uso do material. Todavia, nenhum sistema deve ser um sistema. (...) Sempre que nos encontrarmos, seja nas sessões de trabalho ou nos espetáculos, deve haver o momento do processo, o momento do teatro vivo. Se deixarmos isso acontecer, as técnicas de ensino, direção, atuação, de desenvolvimento de material para improvisação de cena, ou o modo de trabalhar uma peça formal surgirá do interior de cada um e aparecerá como que por acidente. É a partir da vontade de compreender o processo orgânico que o nosso trabalho se torna vivo.

No decorrer das falas das professoras entrevistadas, constatei que, nas suas trajetórias profissionais elas foram gradualmente inventando e adaptando outros jogos e maneiras de dar aula junto às suas turmas, conforme iam adquirindo experiência, concomitantemente aos seus questionamentos em relação às suas práticas pedagógicas.

(...) tem muita coisa que eu vou inventando, vou criando. Gosto de pegar cenas de filme. Quando vejo um filme “bah, isso aqui é legal pra fazer uma improvisação em cima!”. Dou a situação, gosto de dar a situação pra eles “O que tu gostaria de fazer nessa situação?”. Vou inventando, invento muita coisa. (PROFESSORA A.)

Foi importante também verificar que muitos dos referenciais utilizados pelas professoras entrevistadas são nomes relevantes no que se refere ao ensino do teatro.

Na área da educação Piaget, [...]. Ele e todos aqueles que circulam Inhelder, o pessoal aqui de Porto Alegre, a Vera, o Gilberto, a Darli Collares. E ainda com a sorte de a Vera e o Gilberto fazerem a ponte com o trabalho do Piaget com o teatro, então esses são os que dão direção (...) os livros do Gilberto. Já direto bate e volta eu to lá, então é o que mais eu tenho circulado por agora. (PROFESSORA B.)

A entrevistada refere-se a uma desenvolvida linha de pensamento nos estudos brasileiros em Pedagogia do Teatro, a partir do trabalho desenvolvido por Ingrid Koudela no seu livro *Jogos Teatrais* ao analisar fundamentos dos jogos teatrais através dos aspectos relacionados à construção do conhecimento de Jean Piaget.

Os referenciais teóricos mais recorrentes nas falas das professoras foram os autores relacionados à Pedagogia do Teatro e à construção do conhecimento. Tal fato evidencia-se, provavelmente pela perspectiva de articulação entre teoria e prática na sala de aula propiciada a partir do estudo desses autores.

3.4. Repertório

As maneiras de como o professor de teatro constrói o seu repertório, sempre despertaram muita curiosidade e geraram preocupação de minha parte, principalmente, porque, em um determinado momento da minha graduação, percebi que eu conhecia uma quantidade considerável de atividades e de jogos, sobre os quais eu não havia me aprofundado o suficiente a ponto de dominá-los, pois o meu conhecimento era predominantemente prático, e havia sido elaborado, provavelmente, sem a correspondente reflexão teórica. Sentia-me bastante insegura em relação a esse aspecto da minha formação, e, nessa reflexão, percebia que, no que se referia à

Pedagogia do Teatro e à construção de conhecimento, me considerava mais preparada ou, pelo menos, um pouco mais segura.

Recordo que no meu primeiro Estágio Docente Supervisionado⁴, realizado no Colégio de Aplicação da UFRGS, desde o início tinha por objetivo propor um trabalho que fosse construído “com” e “para” os alunos, assim como me sugeriam os ensinamentos de Freire (1997), o que tornou as preparações dos planejamentos mais laboriosas. Primeiramente, constatei que as minhas referências de jogos não eram suficientes para o trabalho. Até o momento que me surgiu a questão: o que eu posso utilizar na sala de aula a partir do meu repertório como atriz?

No início das atividades de estágio, eu pautava a minha ação pedagógica a partir de práticas corporais semelhantes às realizadas nas aulas práticas do Curso de Teatro, mas logo percebi que não eram apropriadas para a prática de sala de aula, que precisavam ser adaptadas à realidade dos estudantes e aos propósitos da Educação Básica.

Em um os depoimentos, uma das professoras entrevistadas revela um momento semelhante na sua prática:

As crianças ficavam me olhando e eu me recontorcía como quem diz: “Como assim, professora?” e daí, a primeira bola fora (...) então eu tive que começar todo o processo e pensar o que eu considerava importante de trabalho corporal como atriz pra atuação e como levar isso pras crianças. Como construir esse repertório meu? Fui catar então os jogos da Viola Spolin, da Olga Reverbél, mas aí o jogo como tal também não me servia. O que eu tinha que fazer era uma

⁴ O Estágio de Docência em Teatro se processa em duas etapas, das quais o aluno participa de reuniões individuais e coletivas de orientação. No Estágio de Docência em Teatro I, o futuro docente planeja e executa um projeto pedagógico em teatro nas séries finais do ensino médio e no Estágio de Docência em Teatro II, com as séries do ensino fundamental. Ambos em escolas da Rede de Ensino pública da cidade de Porto Alegre.

adaptação. Ah, eu gosto de trabalhar elementos plásticos. Como é que eu vou fazer essas crianças trabalharem elementos plásticos? A gente brincava de imitar bicho, as crianças não se coordenavam no espaço, eu tinha que inventar regras como colocar bambolês pra elas se orientarem no espaço. Então eu tentava fazer uma ponte do que eu curtia como atriz pro trabalho com as crianças. (PROFESSORA B.)

A esse respeito, cabe a indagação de Marques (2010, p. 56): mas afinal, “para ensinar basta saber algo ou é necessário saber também o como ensinar esse algo?” Compreendo que ambos caminhos são importantes e não devem estar dissociados. Sendo assim, considero que para ensinar não basta apenas recordar-se do próprio processo de aprendizagem, pois é indispensável que o professor esteja disponível a aprender no dia a dia da sala de aula e que busque, sempre que possível, novos referenciais que colaborem no seu processo constante de aprendizagem, que é ensinar.

Trata-se de um exercício importante na formação do professor, refletir sobre seu desempenho como docente e tentar ressignificar aprendizados anteriores, pois é também nessa relação de olhar para si e para a sala de aula como um todo, que o seu olhar se torna cada vez mais aguçado, e seus saberes, cada vez mais específicos, a partir do seu envolvimento e preocupação com a sua prática, considerando que, o educador “não apenas ensina, mas reflete sobre os resultados de suas ações didáticos-pedagógicas: sobre como os alunos recebem seus ensinamentos; os retornos que oferecem (BECKER, 2010, p.18).

O depoimento acerca das dificuldades no início da carreira de uma das entrevistadas evidencia tal reflexão:

Logo no início [a maior dificuldade], era poder levar aos alunos aquilo que eu acreditava importante no teatro, que eu tinha vivenciado. Porque as crianças têm a lógica que as estruturas cognitivas que a idade delas permitam, eles têm as referências deles de TV... eu me lembro que eles falavam “Vamos fazer a novela tal, professora! Vamos fazer a novela tal!”. Então como e que eu trabalhava com essa lógica

infantil e a lógica do trabalho contínuo. Esse foi o primeiro embate, lá no CDE⁵. Como carregar pra eles a ideia de construir um corpo expressivo, de como se fazer entender pelo outro. De como construir coisas que vão muito além do cotidiano, da casinha, do coração, do eu te olho porque eu gosto de você... porque eles trazem tudo isso. Então como construir esse corpo, como possibilitar o jogo e a brincadeira sem que eles se ofendam ou se machuquem? Como estabelecer essas relações de cooperação... e eu acho que até hoje, como levar pra essa lógica que é a lógica do adolescente, que é a lógica da criança todo esse material que se refere ao teatro. (PROFESSORA B.)

Outro aspecto relevante constatado a partir dos depoimentos é a relação entre a docência e o teatro, mais especificamente entre ser “professora” e ser “artista”. Como o professor relaciona suas práticas e interesses artísticos aliados a docência? Uma das educadoras entrevistadas reflete sobre como o seu trabalho de atriz reverbera em suas práticas docentes e a outra descreve como a sua relação com o cinema se reflete na sala de aula:

(...) eu sempre tive consciência que eu tinha que manter os dois trabalhos juntos. Porque tudo o que eu faço como professora tem a ver com as coisas que eu fiz como atriz. A maneira como eu me coloco em sala de aula, a maneira como eu escolho meu repertório, como eu desenvolvo o currículo tudo tem a ver com as minhas experiências como atriz e com aquilo que eu acredito de teatro. (PROFESSORA B.)

Eu tenho trabalhado bastante com vídeo, eu trabalhei e trabalho ainda – mas pouco - com produção de elenco, então eu tenho um envolvimento com o cinema bem grande, adoro isso e comecei a propor isso pros alunos. Eles adoram fazer teatro e gravar as cenas. Tá sendo bem legal, adoro! (PROFESSORA A.)

Nos anos iniciais da minha formação acadêmica, eu acreditava que era imprescindível que o professor tivesse uma prática constante como ator ou diretor de teatro, e que só assim ele teria maior credibilidade perante seus alunos e pudesse fortalecer suas ações docentes. Ainda acredito que é importante, principalmente pelas

⁵ Centro de desenvolvimento da Expressão: instituição na qual a entrevistada iniciou a sua trajetória docente.

possibilidades de experimentação e conhecimento que a prática artística significa, e pelo meu desejo de continuar atuando. Mas já não é uma certeza, principalmente após verificar que uma das professoras entrevistadas, embora não mantenha um trabalho artístico constante, está sempre pesquisando o que há de mais atual em relação às práticas teatrais e compromete-se em desenvolver um trabalho consistente e continuado com seus alunos. É o que se pode constatar na citação a seguir.

Sabe o que eu fui me dar conta? Que eu fui descobrindo outras formas de trabalho que me instigavam, então eu acabei me envolvendo com trabalho com vídeo – com as crianças, sempre com as crianças – com vídeo, com performance, com animação, com stop motion e aí com cinema fazendo projetos que envolviam literatura de uma forma muito presente, eu acabei fazendo uma trajetória também, aí como docente, que era um pouquinho mais arejada. Não que seja ruim ser de outro jeito. (PROFESSORA D.)

Ao me referir à criação de um repertório, não me reporto a algo pronto, estático, que não deva ser modificado. Ao contrário, presumo que no momento em que o professor consegue construir um repertório próprio, embasado nas suas vivências e experiências, melhor preparado e mais confiante ele estará para as modificações exigidas constantemente pelo cotidiano escolar.

Considerações finais

Considero a reflexão sobre a formação docente um exercício relevante e sempre desafiador, pois acredito que, quanto mais prestarmos atenção nas questões que se referem ao trabalho do professor de teatro, melhor estaremos preparados para assumir e desenvolver nosso trabalho nas escolas de forma crítica e consciente.

Durante a construção e desenvolvimento deste trabalho foi possível verificar que questões em relação à insegurança na carreira docente perpassam a todos que se dispõem a refletir sobre a sua formação. Ao analisar as entrevistas fui percebendo que muitas das trajetórias em algum momento eram semelhantes à minha, no que diz respeito às dúvidas, aos encantamentos e às descobertas relacionadas à docência em teatro.

Percebi também o quanto os referenciais teóricos adquiridos no decorrer da minha formação influenciaram no meu pensamento, seja nas questões de identificação com a carreira docente ou nas indagações, mas principalmente sobre a minha maneira de pensar o ensino de teatro na Educação Básica.

Talvez eu quisesse desde o início do trabalho “comprovar”, não para a comunidade científica, mas para mim mesma, e sem muitas pretensões, que a minha escolha é um caminho possível, embora árduo.

Entretanto, o aspecto que considero mais relevante nesse trabalho é saber que ele surgiu das minhas dúvidas como licencianda em teatro e futura professora, e que só assim eu tive a oportunidade de conhecer as trajetórias singulares de profissionais do ensino que realmente desenvolvem um trabalho relevante e comprometido nas escolas e refletem constantemente sobre as suas práticas.

Compreendi a importância de investigar algo que estivesse de fato “mexendo comigo”, e não saber sobre os rumos da docência era algo que realmente me instigava e que provavelmente continuará provocando o desejo em querer ser uma profissional comprometida, pois acredito que o que eu aprendi realizando este trabalho ainda será transformado tantas e tantas vezes em minhas reflexões a cerca do trabalho e da formação docente.

Referências

ALVES, Rubem. **Ostra Feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta, 2008.

BECKER, Fernando. **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

CORNAGO, Óscar. **Onde Acabará a Teoria**. Ensaios em Cena. Abrace, 2010.

CUNHA, Susana Rangel Vieira Da. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

DAMASCENO, A mente humana. Abordagem neuropsicológica. In. **Multiciência: Revista interdisciplinar dos Centro e Núcleos da Unicamp**. Campinas, 2004. http://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_03/a_o2_.pdf. Acesso em agosto de 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GUSDORF, **Georges. Professores para quê?** para uma pedagogia da pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. São Paulo: Editora Snac São Paulo, 2010. L

LEHMANN, Hans-Thies. **Teoria e experiência do teatro**. Ensaios em Cena, Abrace, 2010.

QUINTANA, Mario. **Quintana de Bolso**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

REVERBEL, Olga. **A chave perdida**. Porto Alegre: L&PM, 1995. (Coleção A leitura é uma aventura).

_____. **Jogos Teatrais na escola**: atividades globais de expressão. São Paulo: Scipione. 1989.

_____. **Teatro**: atividades na escola, currículos. Porto Alegre: Kuarup, 1995.

_____. **Teatro na sala de aula**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

_____. **Técnicas dramáticas aplicadas à escola**. São Paulo: Editora do Brasil S.A., s.d.

_____. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo. São Paulo: Scipione, 1989.

_____; OLIVEIRA, Sandra R. **Vamos alfabetizar com jogos dramáticos?** Atividades básicas. 3. ed. Porto Alegre: Kuarup, 1994.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

SANTOS, V. L. B dos. **Brincadeira e conhecimento**: do faz-de-conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SANTOS, V. L. B dos. **Iniciação à Docência em Teatro**: ações, relações e reflexões. São Leopoldo: Oikos, 2012.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TAVARES, Gonçalo. **Breves Notas sobre ciência**. Lisboa: Relógio D`Água Editores, 2006.